

Os significados dos paratextos, da narrativa e das ilustrações: a mediação e a formação do leitor literário

*The meaning of paratexts, narrative and illustrations: the mediation and the literary reader training*

---

Kenia Adriana **de Aquino Modesto Silva**

Universidade Federal de Goiás (UFG/Jataí)

Renata **Junqueira de Souza**

Centro de Estudos em Leitura e Literatura Infantil e Juvenil Maria Betty Coelho Silva (CELLIJ)

## Resumo

Este texto objetiva analisar paratextos, narrativa e ilustrações do livro infantil **Não!**; verificar como eles auxiliam a mediação literária; e propor práticas com base nas estratégias de leitura. Como resultados constatamos que o livro ilustrado apresenta-se como influente instrumento na constituição leitora das crianças devido à linguagem híbrida (verbal/visual), possibilitando percepção artística. Além disso, as estratégias de leitura propostas por Solé (1998) e Giroto e Souza (2010) são preciosas contribuições no trabalho do ensino da literatura e da compreensão leitora.

**Palavras-chaves:** Literatura. Paratextos. Mediação de leitura. Livro ilustrado. Estratégias de leitura.

## Abstract

*This paper intends to analyze paratexts, narrative and illustrations in the picture book **Não!**; examine how they help the literary mediation; and propose practical activities using the reading strategies. As a result it was found that the illustrated book presents itself as an influential tool in the constitution of reader in children because of its hybrid language (verbal/visual), enabling artistic perception. In addition, the reading strategies proposed by Solé (1998) and Giroto and Souza (2010) are precious contributions in the work with literature teaching and reading comprehension.*

**Keywords:** Literature. Paratexts. Reading mediation. Illustrated book. Reading strategies.

Crianças e jovens têm um interesse especial por animais. Livros de literatura que apresentem vacas, porcos, gatos, ursos e cachorros ganham leitores vívidos e entusiasmados tanto na educação infantil como no ensino fundamental. As ilustrações simples e coloridas do livro **Não!** (Brinque-Book, 2012) possibilitam que crianças pequenas, até aquelas com alguma limitação linguística, consigam perceber o humor na história e se divertir!

Com enredo e ilustrações da espanhola Marta Altés, com tradução de Gilda de Aquino, o livro infantil **Não** descreve a convivência entre um cachorro de estimação e seus donos. Assim, a obra retrata, de maneira bem humorada, um animal arteiro e desastrado que ama sua família e tenta agradá-la o tempo todo.

Tanto a narrativa, como as ilustrações e os paratextos podem ser explorados pelo mediador/professor, com as crianças e por elas, durante a leitura. Neste artigo, pretendemos evidenciar como a escola por intermédio do professor e/ou bibliotecário pode aproveitar as estratégias de leitura, para facilitar a compreensão leitora. Assim, nos próximos tópicos descrevemos e analisamos determinados elementos do livro infantil (paratextos, texto verbal, ilustrações), apresentando possibilidades para o ensino da literatura e de uma prática que se apoia nas estratégias de leitura Solé (1998) e Girotto e Souza (2010) para a compreensão da leitura.

## 1 OS PARATEXTOS: MEDIAÇÃO A PARTIR DO VERBAL E DO VISUAL

Faria (2007) assinala que é interessante encorajar as crianças a refletirem sobre como o autor e o ilustrador constroem seu livro. Para tanto, devemos levá-los a observar os paratextos, isto é, os componentes textuais e iconográficos que não fazem parte diretamente da narração, como: formato do livro, título, capa e contracapa, página de rosto, dedicatória, apresentação do autor e da obra, ficha catalográfica, etc. (POSLANIEC & HOUYEL, 2000 apud FARIA 2007).

Assim, se, inicialmente, as capas e as guardas tinham como utilidade acolher e preservar o miolo do livro; na contemporaneidade, também servem para chamar atenção e instigar à leitura, já que as guardas podem, pela ludicidade e com as informações, servir como auxílio à compreensão do texto. Desse modo, sua análise, por parte do mediador da leitura e, posteriormente pelas crianças, é determinante para a formação do leitor, uma vez que os paratextos podem contribuir para a significação da obra, seja a partir dos dados verbais ou visuais apresentados nas capas e nas guardas (NIKOLAJEVA; SCOTT, 2011).

As autoras vão além ao constatarem que “é interessante que esse aspecto tenha sido em geral negligenciado pelos críticos” (p. 324). Dizemos mais, foi e é negligenciado não apenas pelos críticos, mas também pelos docentes, quando não deram e não dão importância a eles. Tais paratextos, quando bem pensados e construídos contribuem para a atribuição de sentido do texto que está para ser lido. Leitores fazem inferências a respeito das imagens da capa, tentando descobrir o tema, as personagens e alguns indícios visuais ajudam nas previsões sobre a história em si. Dessa maneira, acontece o que Girotto e Souza (2010) pontuam sobre suscitar na criança um objetivo e/ou uma curiosidade para ler o livro e isso facilita o acesso à obra.

Neste caso, o livro infantil **Não!** apresenta um formato quase quadrado, de 24cm x 26,5cm; contém 32 páginas; é encadernado em brochura com capa brilhosa colorida e mais grossa do que as páginas internas; também tem lombada quadrada sem escrita; e o papel escolhido para compor o miolo é o couchê. O livro quando aberto, permite que se pareça com uma tela de cinema ou mesmo um palco de teatro, “útil para retratar espaço e movimento” (NIKOLAJEVA; SCOTT, 2011, p. 308).

Na capa de **Não!**, temos um texto que Camargo (s/d) intitula de “tipicamente híbrido”, visto que é composto por enunciados verbais e visuais. O nome resume a substância da obra, apesar de também confundir e gerar ambiguidade. Essa obscuridade manipula a leitura (inclusive visual) da capa e da quarta capa. Talvez porque os “títulos de livros ilustrados são uma parte muito importante da interação texto-imagem e contribuem para todos os tipos de interação que observamos dentro dos próprios livros” (NIKOLAJEVA; SCOTT, 2011, p. 312).

O nome do livro aparece em fonte manuscrita vermelha, dentro de um balão branco de diálogo, reforçando a ambiguidade e dúvida do leitor. Abaixo dele, aparece um cachorro, na cor caramelo com manchas pelo corpo, sentado com as patas dianteiras como se esperasse um carinho, rabinho na lateral solto, típico de quando o cachorro está à vontade, em sua boca uma florzinha murcha. Cachorro que, na posição em que se encontra, parece olhar para quem pronuncia a palavra “não”.

A partir exclusivamente desta cena, podemos, numa rápida leitura, pensar que “Não” é o nome do cachorro e alguém o chama ou fica feliz ao vê-lo; numa leitura mais atenta, podemos pensar que ele está levando uma bronca, se considerarmos a florzinha, provavelmente arrancada do jardim, em sua boca. No entanto, o ponto de exclamação após a palavra negativa favorece a confusão, pois abre margens para pensarmos em admiração, alegria, espanto ou mesmo raiva. Sentimentos díspares que permearão a narrativa verbal e visual, durante quase todo o texto.

As árvores e as plantas desenhadas na capa em azul e marrom tornam-se compreensíveis quando se olha a quarta capa. Ela funciona como o verso/o oposto da cena exposta na capa do livro, porque traz, literalmente, as costas da capa e do cachorro. Nela compreendemos que os desenhos em azul correspondem ao que está a nossa frente e atrás do cachorro. Já aqueles em marrom refletem o que está à frente do cachorro e ele vê, num jogo de espelhos. Se abrirmos o livro, o que se observa é justamente um movimento espelhado entre as plantas e árvores azuis e marrons.

O leitor percebe ainda que atrás do cachorro há um vaso de flores quebrado com terra espalhada e outros galhos arrancados pelo chão. A impressão é que o cão esconde o vaso e oferece uma flor a alguém, antes que esse alguém possa ver os estragos causados. Os olhos do cachorro, na capa, parecem olhar para a contracapa, ou seja, para o vaso quebrado, mas a bagunça está atrás (contracapa) e esse jogo de procurar o que esconde o protagonista é que proporciona agilidade à história que está por vir.

O texto no alto da quarta capa é híbrido. A escolha de fontes misturadas chama atenção para um possível mistério com o nome do cachorro e faz com que o leitor comece de imediato a traçar o perfil do protagonista. Pois, algumas palavras são destacadas em caixa alta; simpático, trapalhão, bem-intencionado, atribuindo a ele sentidos e outros vocábulos estão negritados: mistério e sempre. São pistas fornecidas para a construção do texto principal. Há ainda uma interlocução visível com o futuro leitor de **Não!**, pois ao final do texto da contracapa, lemos: “Ele se esforça muito para SER BOM com sua família e acha que está

*SEMPRE* agradando. Será?” (quarta capa). A frase interrogativa neste paratexto chama a criança para a leitura do livro. Afinal, espera-se que o leitor participe da história e possa responder a questão com a leitura do texto.

Essas dicas sobre a narrativa podem ser fornecidas também pelas guardas. Nikolajeva e Scott (2011) afirmam que guardas brancas ou neutras são as mais comuns nos livros ilustrados; todavia, tem crescido o número de obras que aproveitam esses paratextos como informação adicional à compressão das histórias. Muitas vezes, representam o personagem principal várias vezes em ações não aludidas no livro.

Nas guardas de abertura e do final de *Não!* é isso o que ocorre: o cãozinho protagonista é representado em mais de quarenta ações que não foram registradas na história. E todas elas demonstram sua energia e inquietação. Entre tais ações estão: ele correndo com um osso na boca, atrás de um gato, de um rato, fazendo xixi, cocô, brincando de morto, entre várias outras. Esses movimentos complementam indícios que o leitor pode já ter levantado na leitura da capa e da quarta capa – um protagonista serelepe, ativo e inquieto. Portanto, as imagens das guardas, como bem disseram Nikolajeva e Scott (2011), funcionam como uma “cena introdutória” à história, afinal comunicam dados significativos, como a movimentação e o vigor do cachorro.

No frontispício ou folha de rosto do livro, o título está escrito no mesmo tipo de letra da capa, entretanto na cor preta, dentro de um balão de diálogo azul centralizado. Existe também o nome de Marta Altés e abaixo dele a inscrição “Tradução: Gilda de Aquino”. No rodapé centralizado há o nome da editora e a anotação de “3ª reimpressão”. Nikolajeva e Scott (2011) apontam que é bastante normal existir, na folha de rosto, uma ilustração reduzida de algum detalhe do miolo. Em *Não!*, encontramos uma imagem do cachorro, cheirando um tênis, apesar desta imagem não estar dentro do texto, ela provoca o leitor e comprova a ação contínua presente nas guardas.

No final da história, na página 30, encontramos uma sucinta biografia de Marta Altés. Isso já não é mais parte da história e, assim, o título com nome da autora não apresenta a mesma fonte do restante da narrativa. Além disso, abaixo das informações acerca de sua vida, observamos umas “pegadinhas” das patas do personagem principal que vêm da esquerda (como se ele tivesse saído da história) até chegar à página da direita.

Informações sobre os paratextos: formato, título, capa, quarta capa, guardas, folha de rosto e biografia da autora podem e devem ser explorados pelo mediador durante o momento da leitura, pois isso contribuirá para a formação dos leitores, aguçando-lhes o olhar para os detalhes que fazem diferença na

compreensão. A leitura desses paratextos constitui o primeiro contato do leitor com o material escrito e, dessa maneira, pode servir como um “guia de leitura”, pois a compreensão dos paratextos antecipa questões que podem ser respondidas quando a criança entrar no livro e começar a lê-lo.

Na sequência, discutimos aspectos da narrativa que, assim como os paratextos, fornecem-nos subsídios para a compreensão do enredo.

## 2 A NARRATIVA: CONSTRUINDO SIGNIFICADOS PARA NÃO!

*Não!* é um livro literário de imagem, pois apresenta motivação estética e ponto de vista subjetivo e afetivo (AZEVEDO, 1999). Sua narrativa não é linear, mas suas cenas apresentam início e final bem delimitados.

O protagonista, a seu modo desobediente e desordenado, sente-se um cão que pensa no bem-estar de seus donos e faz de tudo para garanti-lo. E como ele escuta diariamente e várias vezes ao dia a palavra “não”, está certo que é a forma de sua família demonstrar seu amor por ele, chamando-o pelo “nome”. A história apresentada é semelhante à realidade de muitas casas. Afinal, em inúmeras delas há um animalzinho que é meio atrapalhado. Fato que pode indicar o sucesso da obra com crianças de várias idades, devido à familiaridade com as temáticas animal de estimação, bagunça, convivência familiar e obediência. Para Hunt (2010) aproveitar a intimidade de temas é uma questão de técnica para exercer poder sobre quem lê.

A narração é realizada a partir do ponto de vista do cachorro, em primeira pessoa, desse modo, o que parece uma coisa muito boa para o cão, pode ser o desespero da família, como quando ele suja as camas de lama, pensando que está as aquecendo para os donos. Essas ações atribuem com humor e diversão à leitura do texto.

De acordo com Faria (2007) os contos tradicionais ou modernos apresentam uma situação inicial, um desenvolvimento, um clímax e um desfecho. No entanto, “Nem sempre esta estrutura tradicional [...] está presente em histórias para crianças. Algumas apresentam narrativas mais frouxas [...]” (p. 28). É o que presenciamos na obra, que narra inúmeras ações, mas que não seguem uma sequência temporal ou linear.

A situação inicial, também chamada de exposição, introdução ou apresentação é a que revela personagens e, em alguns momentos, o tempo e o espaço, além de apresentar um estado de equilíbrio ou mesmo um problema inicial (SOUZA e GIOTTO, 2014). Na narrativa de *Não!*, como situação inicial, temos a apresentação do cachorro por ele mesmo como alguém obediente e encantador e, por isso, muito querido por sua família que não vive sem “chamá-lo” para perto deles.

O desenvolvimento, também conhecido como complicação, é a parte da história em que acontecem os fatos e conflitos; a seção na qual o equilíbrio passa a desequilíbrio, manifestando o problema. No desenvolvimento da história, o cachorro, supostamente chamado “Não”, narra seus feitos para ser tão amado e sempre convidado a ficar perto de seus donos: conta como os ajuda a chegar aos lugares rapidamente; como os auxilia a procurar por tesouros no jardim; como se embeleza para eles; como aquece suas camas para dormirem confortavelmente; como é independente e se alimenta sozinho quando sente fome; entre outras situações inusitadas.

O clímax é o momento máximo da história, aquele de “maior tensão” (GANCHO, 1993, p. 11). O desfecho, também denominado desenlace, trata-se da solução dos conflitos e pode ser feliz ou não, é a situação final da história; enquanto conclusão é como a ação perturbadora (o problema) foi resolvida. Na obra, o clímax surge quando o cachorro não compreende por que em sua coleira não está escrito seu nome “Não”. Ao virar a página, o leitor encontra o desfecho, na coleira está escrito “Apolo”, isto é, o nome do cãozinho é Apolo e não, “Não”. Como conclusão, percebemos, com uma pitada de humor, que com sua ingenuidade, o protagonista não repara que, na verdade, seus donos passam o tempo todo chamando sua atenção pelas artes que faz em casa.

Percebemos nessa narrativa ironia e humor por meio das imagens que estão parcialmente divergentes do texto verbal. E isso também precisa ser aproveitado nos momentos de mediação da leitura. Por exemplo, nas páginas 12-13, o cachorro diz que está procurando “tesouros” para os donos no jardim, no entanto, nas ilustrações, ele aparece cavando buracos e derrubando vasos de flores e, novamente, há um balão de diálogo com a fala de um dos donos gritando: “NÃÃÃO!”, implorando que ele pare.

Se destrincharmos a narrativa, encontramos o cachorro, narrador-personagem, como protagonista herói e, simultaneamente, anti-herói para seus donos. Trata-se de um personagem redondo, ou seja, além de suas características físicas, apresenta algumas psicológicas e ideológicas. Afinal, ele se sente feliz porque é amado por sua família e faz de tudo para que continue assim. Como aliadas desse herói/anti-herói temos suas ações intencionais para ser amado.

O tempo cronológico não está explícito. Não se sabe por quantas horas, dias, meses ou anos se passa a narrativa. O tempo psicológico, porém, é não-linear e transcorre pela imaginação do narrador/personagem. Ele conta sua história no presente e, para narrar seus feitos, realiza uma espécie de *flashback*, retornando ao presente quando observa sua coleira e o nome gravado nela “Apolo”. A última frase da história é interrogativa: *Por que minha COLEIRA está*



com o *NOME ERRADO?* (ALTÉS, 2012, p. 28). Novamente um jogo com palavras negritadas, em fonte alta e a junção das duas facilitam uma possível intenção da autora em conclamar o leitor para ajudar o cachorro e, mais do que isso, para que a criança compreenda todo o texto. Afinal, o cachorro ingenuamente não se reconhece como “Apolo” e sim como “Não”, pois é assim que é chamado pelos seus donos.

Inicialmente, o espaço não é delimitado pelo narrador, nem pelas ilustrações, mas a partir da página 8, quando inicia sua narração em *flashback* do que faz o cachorro ser querido, o leitor percebe que a história acontece: fora de casa, no quintal, em diversos lugares da casa. O ambiente, isto é, as condições psicológicas, sociais e culturais do espaço, é ambíguo. Para o cachorro, é de alegria e amor. Já para a família, é de tensão e desordem, pois seu cãozinho é arteiro e agitado.

Ainda que o tempo e o espaço não estejam explícitos no texto escrito ou no visual, é aconselhável que o mediador instigue a atenção das crianças para isso, todas essas percepções ajudam na atribuição de sentido ao texto.

### 3 AS ILUSTRAÇÕES: ENTRE DIZERES E NÃO DIZERES, O CONTRAPONTO IRÔNICO

As ilustrações correspondem a um recurso inerente aos livros infantis para seduzir as crianças e também os adultos. Uma ilustração, nas palavras de Parreiras (2009), dá lustre e brilho ao que está dito verbalmente. É como se auxiliasse o leitor a estruturar seu pensamento. *Não!* é um livro ilustrado, uma vez que não se pode retirar nenhum texto e nenhuma ilustração, pois tudo é parte do sentido da história (PARREIRAS, 2012).

Assim como a leitura da palavra, ler imagens não é fácil nem nasce com o ser humano. Assimilar uma narrativa visual implica uma espécie de alfabetização do olhar (AGUIAR, 2001). E é atribuição do mediador apresentar os códigos visuais e as possibilidades de leitura que eles trazem.

O livro se inicia com a apresentação do protagonista (p. 4 e 5) por ele mesmo. Na página da esquerda, o texto escrito enfatiza o primeiro contato do leitor com o cachorro que se introduz dizendo chamar-se Não. Na página da direita, há a ilustração do cachorro com uma orelha relaxada, olhos bem abertos e cauda balançando, dado indicado pelas três sombras em movimentação e uma das patinhas levantada, como se ele acenasse para o leitor. Não há margem ou moldura, o fundo é branco com uma mancha representando o chão onde o cãozinho pisa. Além disso, observamos que não se trata de um cachorro de rua ou abandonado, por que possui uma coleira azul com uma placa de identificação, embora não seja possível ler seu nome.

Nas páginas seguintes (p. 6 e 7), o texto verbal é composto em uma fonte que lembra uma letra manuscrita e o cachorro lhe atribui significados, valorizando seu comportamento e personalidade amistosa e caridosa “sou um garoto muito bom”. Verificamos que o cachorro “corrige” sua fala quando no texto escrito, coloca-se um X sobre a palavra “bom” e acrescenta-se “MUITO” em caixa alta, concluindo sua descrição como “MUITO bom”. Na página da direita, há a ilustração do protagonista, que aparece com uma orelha relaxada, os olhinhos estão fechados e ele está sentado, mostrando-se comportado. Acima de sua cabeça há uma auréola que está a brilhar. A narrativa segue com o cachorro narrando as ações em que ajuda sua família, no entanto, nas páginas 26 e 27, o plano médio, em que o personagem é enquadrado por inteiro, com espaço sobre a cabeça e sob os pés (PRIMEIRO FILME, s/d) enfatiza sua expressão de preocupação e ação de olhar para a coleira, deixando para segundo plano o cenário. Nestas páginas, temos o momento de clímax da narrativa. Ele se encontra em dúvida... O texto visual nos diz isso pelo olhar do cachorro; pela patinha segurando a boca; pelo sinal em espiral acima de sua cabeça; pelas sobrancelhas curvadas, além de o texto escrito ser revelador: “SÓ TEM UMA COISA que eu não entendo...”. A colocação do sinal de reticências faz com que o leitor se apresse para o virar da página se perguntando: O que será?

Seis cenas possuem as ilustrações com enquadramento em plano geral, abrangendo além do personagem, o espaço e a ação da narrativa. Em todas elas, o enquadramento em plano geral, permite verificarmos o tamanho da bagunça causada pelo cachorro. Nas páginas 8 e 9, por exemplo, o fundo branco perde lugar para visualização de uma rua, na qual vemos os ladrilhos e dois imóveis na página da esquerda; além de ser possível perceber as nuvens do céu e o cachorro guiado, ou melhor, guiando um de seus donos que parece correr, pois sua língua está para fora, indicando esforço físico. A guia corrobora para essa compreensão, pois a ela está bem esticada e perpassa da página da direita até a esquerda, onde é segurada por uma mão e um braço – supostamente de um dos donos do cachorro, que diz “NÃO!” como se pedisse ardentemente que ele pare ou vá mais devagar. O texto verbal, na página da direita, enfatiza o sentimento do cachorro em detrimento à fala de quem segura a guia: “Eu os ajudo A CHEGAR BEM RÁPIDO”. A palavra rápido, além de estar negritada e em itálico, proporcionando um movimento vem em cima de rodinhas, parecendo um pequeno skate e enfatizando a velocidade com que o cão puxa o dono. Neste caso, a ilustração diz mais. Articulada ao texto, revela que o dono do cachorro não está animado com o passeio como ele pensa, pois ele segue muito rápido, cansando quem segura a guia. A autora, que é também

ilustradora do livro infantil **Não!**, articula o texto verbal e o visual, aliando os elementos estáticos para descrever, sugerir espaços, ambientes, personagens e suas características a outros elementos mais dinâmicos que exprimem as ações, gestos e expressões das personagens.

Uma das treze cenas aparece em primeiro plano, aquele que mostra um só personagem, isolando-o da cena; esse enquadramento evidencia expressões, fisionomias, gestos e emoções (PRIMEIRO FILME, s/d). Nas páginas 10 e 11, vemos o cachorro, do pescoço para cima. No trecho da esquerda, a experimentar a comida dos donos, que aparece no trecho da direita sobre a mesa. A mesa está com uma toalha azul e contém uma louça com algumas coxas de frango, uma delas, sendo saboreada delicadamente pelo protagonista; vemos também um copo com água e no canto superior direito, há outro balão de diálogo com a palavra “Nãão!”, que recebe destaque pelo acréscimo de uma letra A e do ponto de exclamação. Nesta cena também o cachorro está com a orelha relaxada e aparenta “beijar” o frango ao experimentá-lo para seus donos. É o que parece indicar sua fala na página 10: “Eu PROVO a comida deles para ter certeza de que está PERFEITA”. Nesta página, o texto escrito também só faz sentido com o apoio das ilustrações que, novamente, dão um ar de graça e humor, uma vez que a ingenuidade do cachorro é o desespero da família.

Interessante notar, que desde o início da narrativa até o final, o fundo é branco e cada cena está enquadrada em plano médio, como se a ilustradora quisesse enfatizar a ação do protagonista (PRIMEIRO FILME, s/d). Em todas elas, também “escuta-se” o pedido / a ordem “não”, sempre de maneira enfática e com algum desespero indicados pelo uso do ponto de exclamação (“Não!”); a cada página virada há o acréscimo de uma letra A, prolongando a ênfase a cada situação (“Não!”, “Nãão!”, “Nããão!”, “Nãããão...”); pelo uso de reticências (“Nãão...”); ou por mais de um desses recursos simultaneamente.

A última cena ilustrada da narrativa, na página 29, é enquadrada em *close*, revelando um detalhe, no caso, a resposta para a dúvida do cachorro. Na página da esquerda (p. 28) ele se pergunta: “Por que minha COLEIRA está com o NOME ERRADO?”. E na página seguinte (p. 29), em *close*, temos a resposta: anexado à coleira uma medalha com as letras APOLO, sugerindo ser esse o nome do protagonista.

Importante observar e auxiliar as crianças a perceberem que, em todas as ilustrações, com exceção daquela na qual o cachorro demonstra dúvida, ele aparenta estar tranquilo e seguro. Essa percepção auxilia na compreensão do clímax e da atribuição de sentidos para toda a história.

#### 4 ARTICULAÇÃO ENTRE TEXTO VERBAL E ILUSTRAÇÃO

Se ponderarmos a relação entre o texto verbal e a imagem no livro literário infantil, podemos pensar numa relação de repetição ou de complementaridade (FARIA, 2007). Se o livro não tem função pedagógica, “a boa ilustração deve ser de complementaridade, ou seja, ‘um dos dois elementos pode ter a faculdade de dizer o que o outro, por causa de sua própria constituição, não poderia dizer’” (FARIA, 2007, pp. 40-41). E é essa relação de complementaridade que encontramos no título *Não!*, de Marta Altés.

Tanto texto escrito como as ilustrações evidenciam contribuições para a leitura e compreensão integral da história. Apesar de as ilustrações se contradizerem com o ponto de vista narrativo verbal, ou seja, ao que o cachorro Não/Apolo diz, está justamente nesta contradição o sentido e o humor da história, pois ao ler uma coisa e perceber na ilustração outra, o leitor começa a compreender o texto. Temos então, o que Nikolajeva e Scott (2011) chamam de contraponto irônico, pois as imagens mostram algo diferente do que foi dito pelas palavras, “revelando o narrador ingênuo” (p. 158).

Outro exemplo da articulação entre o texto verbal e as ilustrações está no fato de que, conforme o cachorro Apolo ia contando suas peripécias, seus feitos que “agradavam” a família, o desespero desta ia aumentando. Como sabemos disso? Apenas observando as imagens! A cada cena que ele narrava, o “não” dito pela família, ganhava uma letra A, intensificando o pedido / a ordem. Na cena das páginas 8-9, temos “NÃO!”; nas páginas 10 e 11, “NÃÃO!”; 12 e 13, “NÃÃÃO!”; 14 e 15, “NÃÃÃÃO!”; 16 e 17, “NÃÃÃÃÃO!”; 18 e 19, “NÃÃÃÃÃÃO!”; 20 e 21, “NÃÃÃÃÃÃÃO!”; 22 e 23, “Nããããããão!” (aqui última vez que “pedem”, já não está mais grafado em letras maiúsculas, como se já estivessem perdendo o fôlego ou a esperança!).

Além disso, há duas páginas duplas em que várias ações são evidenciadas. Nelas, parece que o cachorro se empolga com suas atitudes. Na página 14, primeira cena com inúmeras atividades, a autora registra alguns comportamentos do cão: correr, rolar na terra para ficar “bonito para os donos”, brincar, entre outros; nas páginas 24 e 25, aparecem outras ações como puxar a calça do garoto, pular na menina sujando sua roupa, arrancar a cabeça do ursinho, correr quando querem colocar a guia etc. É como se ele fosse se empolgando e ficando mais “prestativo”. Típico dos cães: alvoroço para demonstrar alegria e amor pelos donos.

Se pensarmos em outro paratexto, as guardas, percebemos que as da abertura apresentam o início da narrativa; as do final, que as ações do protagonista continuam inclusive após o término da história. O mediador/professor ao levantar esses aspectos do livro com a criança leitora, oportuniza duas possíveis

inferências: a) que ele não descobriu que seu nome é Apolo, ou b) que mesmo descobrindo, continuou “aprontando” para seus donos.

## 5 O ENSINO DA LITERATURA NAS PROPOSTAS DE MEDIAÇÃO DE LEITURA

A postura adotada pela criança diante do livro dependerá de como o mediador (seja pai, mãe, professor etc.) conduz os momentos de leitura. Assim, perante tudo o que foi exposto até aqui sobre as análises de paratextos, narrativa e ilustrações do livro *Não!*, sugerimos algumas ações, com base nas estratégias de leitura propostas por Solé (1998), pois concordamos com ela quando diz que “a criança *pode aprender e de fato aprende* à medida em que for capaz de utilizar diversas estratégias de forma integrada, e essas estratégias – todas – devem ser ensinadas!” (p. 60 – grifos da autora).

Inicialmente, a mediação acontece com a apresentação do livro, bem como exploração dos paratextos para o leitor. Nesse sentido, o professor poderá sentar em um lugar aconchegante, preferencialmente em círculo e iniciar uma conversa com as crianças perguntando quem tem algum animal de estimação, pois é importante ativar o conhecimento prévio antes da leitura (SOLÉ, 1998). Assim, o mediador pode perguntar quais são esses animais, seus nomes, o que fazem, se eles dão trabalho, se são divertidos, se amam o bichinho e por qual motivo. Em uma cartolina ou papel pardo, o docente vai anotando as respostas das crianças, estabelecendo relações entre o nome do animal e o dono.

Após essa primeira atividade, o professor pode mostrar o livro indagando sobre o que as crianças acham que tratará a história. É função do professor (SANTOS e SOUZA, 2011) chamar a atenção dos leitores para as cores da capa, para como as ilustrações foram feitas, se foram pintadas, desenhadas, coladas. De acordo com Solé (1998), é preciso “ajudar os alunos a prestar atenção a determinados aspectos do texto que podem ativar seu conhecimento prévio” (p. 105) e estabelecer previsões acerca do lido. Assim, o mediador deve dar voz e protagonismo ao outro, a criança tem que se sentir confortável para se expressar livremente.

Em seguida, o professor pode virar a capa do livro e perguntar para os alunos o que veem a seguir. “Há alguma informação nova? O quê? Será que vocês acham que alguma coisa mudará na história?” Verificar se as crianças perceberam a posição do balão e do cachorro e estimular que elas observem os detalhes da capa ajudará nas atribuições de sentido ao texto que está para ser lido. Uma ideia interessante para o docente seria projetar a capa e a quarta capa em um multimídia. Dessa maneira todos ficarão mais a vontade para discutir os paratextos, apontando para a parede a imagem projetada. Na sequência, projetar ou mostrar as

guardadas estimulando para que as crianças construam a compreensão das ações ali colocadas. Ou seja, quando elas perceberem que o cachorro é inquieto, ativo e bagunceiro já poderão inferir sobre o título do livro infantil e a narrativa que está para ser iniciada.

Antes de começar a leitura do livro, o mediador pode apresentar o autor e o ilustrador, já permitindo aos leitores uma contextualização sobre a produção do texto e, dependendo da maneira como o professor estabelecer essa relação, a contextualização pode também abordar o momento histórico da produção do texto verbal e visual.

O trabalho com os paratextos do livro literário oferece ao leitor elementos de reconhecimento do texto e a oportunidade desse leitor formular as primeiras hipóteses sobre a narrativa. Podemos dizer, ainda, que os paratextos operam como dispositivos pragmáticos, já que predispõem e condicionam o processo de leitura. Por outro lado, a discussão desses elementos do livro ajuda as crianças em seu trabalho de construção e/ou reconstrução do sentido textual. Assim, evidenciamos a importância do papel tanto dos paratextos como do professor que os evidenciará.

Ao terminar essas atividades chamadas por Solé (1998) de *antes da leitura* o docente suscitará nas crianças a vontade de ler. Assim, seria interessante a escola ter mais de um exemplar do livro, pois os sentidos atribuídos pelo leitor quando lê sozinho, em voz baixa, são diferentes daqueles mediados pela voz do professor.

Depois que os alunos lerem a obra, o docente pode realizar uma leitura compartilhada (SOLÉ, 1998) fluente, entonada e com ritmo. Mostrar as ilustrações do livro e, a partir da página 8, indagar às crianças: “O que veem? O que acontece? Por que acham isso? Mas ele disse isso? O que seriam os “tesouros” que o cachorro procurava no jardim? Ele ficou bonito?”. Em todas as páginas, o mediador deve pedir que observem os detalhes e o que foi dito. Nas páginas 26 e 27, ao final do texto, ele pode criar um suspense: o que será que ele não entende? Essas questões contribuem para que os alunos selecionem marcas, formulem hipóteses, verifiquem-nas, construam interpretações e saibam que isso é necessário para que se obtenha determinados objetivos (SOLÉ, 1998).

Depois da discussão sobre o texto lido, os alunos poderão construir coletivamente uma síntese com a compreensão da história. Para facilitar, podem preencher uma tabela, ou um gráfico organizador como o exposto na página seguinte. Nos círculos, os alunos colocarão as características do cachorro, suas ações e as consequências delas. O gráfico finalizado ajuda na compreensão de toda narrativa: começo, meio fim. Dessa maneira, uma conversa final pode ser

estabelecida, pois o mediador deve perceber se as crianças compreenderam o jogo narrativo feito pelo autor/ilustrador sobre os nomes: Não/Apolo.

Outra possibilidade, como o mediador já perguntou os nomes dos animais e quais são, seria montar um painel com as fotos, os nomes dos bichos e de seus donos; aquelas crianças que não têm, poderiam colocar desenho ou foto de algum bicho que gostariam de ter e dar um nome a ele.

Ao final, o professor pode conversar com as crianças sobre a autora e ilustradora. Indagar: de onde será que ela teve a ideia para criar uma história tão bacana como essa? Ampliar a roda de conversa e instigar mais a classe a lembrar de suas experiências: já leram outro livro sobre cachorro? Qual? Algum que também contivesse humor? Quais as semelhanças entre eles?

Sugerir a releitura de *Não!* também é uma boa ideia para finalizar as atividades com o livro de Marta Altés.

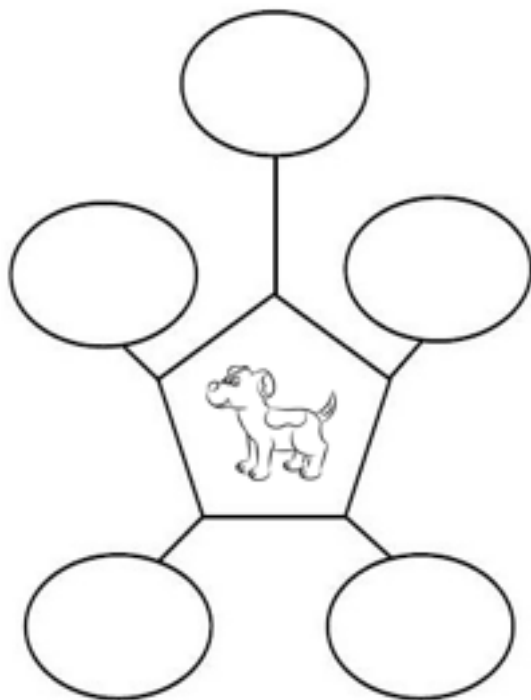


Figura 1. Gráfico organizador – Teia do personagem

## 6 CONCLUINDO? NÃO!

“A literatura infantil transforma porque forma leitores adultos ou não, devido ao seu potencial de diálogos” (AQUINO, 2012, p. 62), mas antes de qualquer

possibilidade de diálogo, a literatura infantil é expressão artística. Por isso, o livro literário ilustrado também é uma oportunidade para as crianças (e os mediadores) refinarem a percepção artística. E o mediador de leitura deve estar preparado para realizar um minucioso trabalho com as crianças, auxiliando-as nas descobertas pelas poesias, fábulas, contos, livros ilustrados e tantas outras possibilidades literárias.

Importante ter em mente, desse modo, que “práticas leitoras não são somente aquelas em que o aluno decifra códigos escritos, são também aquelas as quais envolvem as imagens e fazem com que o leitor as perceba, assimile [...]” (BURLAMAQUE; MARTINS; ARAUJO, 2011, pp. 77-78). Com base nesse pressuposto, acreditamos que mediações com livros ilustrados, que possuem uma linguagem híbrida e uma colaboração de significados dos discursos verbal e visual, como é o caso de *Não!*, precisam de alfabetização ou letramento visual (CAMARGO, s/d).

Essa mediação deve estimular o olhar e a atenção não apenas ao que dizem as palavras, mas uma atenção visual, voltada para os detalhes das imagens e dos paratextos. Para isso, “o professor precisa planejar e definir, intencionalmente, as atividades” (GIROTTI; SOUZA, 2010, p. 53). E embora os procedimentos e as atividades sejam passíveis de troca, “as estratégias de leitura devem estar presentes ao longo de toda a atividade” (SOLÉ, 1998, p. 89). Em síntese, o mediador de leitura deve solicitar atenção aos detalhes, pedir que as crianças contemplem as imagens e reflitam sobre elas. Além, é claro, de considerar os paratextos do suporte livro que colaboram para a compreensão integral da narrativa.

Diante do exposto, mediadores, professores e leitores precisam considerar os paratextos, o texto verbal e as ilustrações trazendo as partes do livro para serem discutidas com os leitores, tanto para ampliar os significados do texto literário, quanto para expandir os próprios significados e conhecimentos anteriores do leitor em formação.

Nesse sentido, a escola e, especificamente, a sala de aula, constitui-se como espaço privilegiado para a constituição leitora das crianças. Por isso, as práticas de ensino da leitura sugeridas neste artigo podem, além de contribuir para a compreensão do texto, favorecer o ensino da literatura, desde os aspectos paratextuais de um livro infantil, até o entendimento acerca da estrutura do texto narrativo. Ao professor resta estudar os sentidos desse texto (verbal, visual e paratextual) e mediar uma leitura significativa.



## Referências bibliográficas

---

- AGUIAR, Vera Teixeira de. (coord.) et al. **Era uma vez... na escola: formando educadores para formar leitores**. Belo Horizonte: Formato, 2001.
- ALTÉS, Marta. Tradução de Gilda de Aquino. **Não!**. São Paulo: Brinque-Book, 2012.
- AQUINO, Kenia Adriana de. **O nascimento do leitor: ler, contar e ouvir histórias**. Jundiaí; Cuiabá: Paco Editorial; EdUFMT, 2012.
- AZEVEDO, Ricardo. **Livros didáticos e livros de literatura: chega de confusão!**. *Presença Pedagógica*. v. 5, n.25. jan/fev 1999.
- BURLAMAQUE, Fabiane Verardi; MARTINS, Kelly Cristina Costa; ARAUJO, Mayara dos Santos. A leitura do livro de imagem na formação do leitor. In: SOUZA, Renata Junqueira de; FEBA, Berta Lúcia Tagliari (orgs.). **Leitura literária na escola: reflexões e propostas na perspectiva do letramento**. Campinas: Mercado de Letras, 2011.
- CAMARGO, Luís. **Um estudo sobre O prato azul-pombinho**. (s/d) (fotocópia)
- FARIA, Maria Alice. **Como usar a literatura infantil na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2007.
- GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. 2. ed. São Paulo: Ática,

1993.

- GIROTTTO, Cyntia Graziella Guizelim Simões; SOUZA, Renata Junqueira de. Estratégias de leitura: para ensinar alunos a compreender o que leem. In: SOUZA, Renata Junqueira de [et al.]. **Ler e compreender: estratégias de leitura**. Campinas: Mercado de Letras, 2010.
- HUNT, Peter. O texto e o leitor. In: HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura infantil**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- NIKOLAJEVA, Maria; SCOTT, Carole. Paratextos dos livros ilustrados. In: \_\_\_\_\_. **Livro ilustrado: palavras e imagens**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- PARREIRAS, Ninfa. **Confusão de línguas na literatura: o que o adulto escreve, a criança lê**. Belo Horizonte: RHJ, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Do ventre ao colo, do som à literatura: livros para bebês e crianças**. Belo Horizonte: RHJ, 2012.
- PRIMEIRO FILME. **O livro: enquadramentos – planos e ângulos**. Disponível em: <<http://www.primeirofilme.com.br/site/o-livro/enquadramentos-planos-e-angulos/>> Acesso em: 24 abr. 2015.
- SANTOS, Ana Maria Martins da Costa; SOUZA, Renata Junqueira de. **Andersen e as estratégias de leitura: atividades práticas no cotidiano escolar**. Campinas: Mercado de Letras, 2011.
- SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- SOUZA, Renata Junqueira de; GIROTTTO, Cyntia Graziella Guizelim Simões. **Era uma vez ... uma caixa de histórias: prosa no acervo do PNBE 2014**. In: PNBE na escola: literatura fora da caixa/Ministério da Educação; elaborado pelo Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita da Universidade Federal de Minas Gerais – Brasília: MEC, 2014.